

Heidegger e a noção de *Gestell* na crítica à tecnologia

Heidegger and the notion of Gestell in the critique of technology

André Lira

Coordenação de Letras, Instituto Federal do Tocantins (IFTO/Campus Palmas)

andreobranco@ufrj.br

orcid.org/0000-0002-6244-7444

Ricardo Kubrusly

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

risk@hcte.ufrj.br

orcid.org/0000-0002-1664-6004

Resumo. O pensador alemão Martin Heidegger oferece uma interpretação singular sobre a técnica moderna e seu desenvolvimento em aparatos tecnológicos. Ela se funda na noção de *Gestell*, uma palavra alemã comum, repensada por Heidegger. Para se acolher devidamente essa interpretação, é exigida uma compreensão anterior do panorama da obra heideggeriana. Buscaremos oferecer tal entendimento dentro do caminho hermenêutico e fenomenológico, almejando destacar os ganhos da noção de *Gestell* para qualquer pensamento que se interrogue sobre o sentido e o fundamento da tecnologia na época atual.

Palavras-chave: Martin Heidegger. *Gestell*. Hermenêutica.

Abstract. *The German thinker Martin Heidegger offers a unique interpretation of modern technique and its development into technological devices. It stands on the notion of Gestell, an ordinary word in German language, revisited by Heidegger. To frame that interpretation accordingly, a previous understanding of Heidegger's work is required. We will aim to provide that through a hermeneutic and phenomenological path, trying to focus on the gains brought by Gestell to any thinking that inquires about the meaning and foundation of technology in the present age.*

Keywords: Martin Heidegger. *Gestell*. Hermeneutics.

Em *Ser e tempo*, Heidegger ainda não desenvolveu a *Gestell* como o fará mais tarde. Fala, porém, em como algumas coisas da cotidianidade advêm, normalmente, dentro da manualidade (o que chama de *Zuhandenheit*), ou seja, como se apresentam como tal dentro de uma função, de um uso: um caderno, uma faca, um guarda-chuva possuem uma consistência que informa o modo como lidamos com eles no dia a dia. Assim, são ao modo da mão, isto é, de como são usados.

A descrição dos modos da presença em *Ser e tempo* é colocada, em obras futuras, no horizonte do sentido do ser em sua historicidade. No contexto da história do ser, torna-se evidente para Heidegger o modo específico pelo qual a técnica, na sociedade moderna, se manifesta. Essa evidência deve-se não apenas ao espaço crescente que a técnica e a ciência ocuparam nos envios e desvios da vida moderna, nem às explicações historiográficas e sociológicas sobre as revoluções científica e burguesa dos séculos anteriores, mas em especial ao modo como o ser se revela e destina historicamente ao homem. Esse destinar-se histórico é que oferece as condições para se poder originar uma época, uma interpretação comunal do que é ser. Nesse quadro, tais vias do pensar heideggeriano oferecem uma “narrativa originária” de como sentidos do ser foram celebrados e cultivados como experiências históricas.

Ainda assim, isso não quer dizer que o pensamento de *Ser e tempo* tenha sido deixado de lado. A descrição da manualidade é totalmente compatível com o modo como a técnica moderna revela os entes. Pois o clássico exemplo do martelo em *Ser e tempo* se coaduna pacificamente com o da madeira em “A questão da técnica”. Assim, o modo de ser da utilidade do martelo, que se torna claro no âmbito de seu uso, é amplificado para uma rede de relações dis-posicionais, todas pautadas pela utilidade e eficiência de sua função. A madeira extrai um conjunto de matérias-primas, em volume, das florestas, da qual dependem as indústrias de logística e transportes, de equipamentos, de papel, que ativam a indústria alimentícia e os serviços locais para sustentar os trabalhadores etc.

Há, contudo, uma diferença importante: entre os entes dis-postos na dis-ponibilidade está o próprio ser humano. Em *Ser e tempo*, o Dasein é uma estrutura ontológica específica, na qual o ser se torna inteligível enquanto aquilo que é. Muito diferentemente de um rinoceronte ou uma pedra, que não fazem a experiência do ser como questão. Na dimensão da dis-posição (*Gestell*), entretanto, ser humano, pedra e rinoceronte são equacionados como recursos, preparados de antemão, prontos para serem utilizados numa cadeia produtiva. O sentido daquilo que é se consuma, dentro da dis-posição, em o quanto são eficientes e colaboram com a rede funcional.

Aqui relembramos a expressão “esquecimento do ser”, uma das expressões mais celebradas do e no pensamento do próprio Heidegger. Esse esquecimento se manifesta de diversas formas. Uma delas, e fundamental neste ponto, é que o esquecimento é um esvaziamento. Não é um esquecer apenas no sentido de “não lembrar”. É, essencialmente,

de não estar presente, de não se re-velar como tal. Não à toa, falar em essencialidade, ontologia, ser, parece das coisas mais abstratas e distantes que se pode falar, e não o contrário, a referência primordial que elucida e abre o real como verdade. No esvaziamento da técnica planetária, portanto, nada im-porta, pois tudo se su-porta de antemão no vazio da representação total, em que ser se torna um conceito abstrato que nada diz.

Em “A questão da técnica”, publicado em 1954, Heidegger busca fazer ver o que é a essência da técnica moderna, o que chamará de *Gestell*. A palavra alemã *Gestell* é uma palavra comum, tomada numa acepção heideggeriana própria que oferece dificuldades na tradução para o português. Como Heidegger mesmo explicita (HEIDEGGER, 2002, p. 23-4), pode significar, comumente, um equipamento ou esqueleto; em sua interpretação, porém, utiliza dois étimos: *Ge-* e *stellen*. *Ge-* indica movimento de tomada, leva, co-leção, re-união. Já o verbo *stellen* traduz-se como “pôr”, que é, para Heidegger, um pôr ambíguo, pois é ora a mera exploração (o pôr diante de um recurso), ora o pôr originário enquanto *poiesis*, que “faz o real vigente emergir para o desencobrimento” (HEIDEGGER, 2002, p. 24). Essa ambiguidade é fundamental para um caminho ex-cêntrico à técnica.

Emmanuel Carneiro Leão traduz *Gestell* como “com-posição”. Preferimos buscar outro caminho, pelo termo “dis-posição”, indicando a dinâmica em que os entes são dis-postos, postos em disponibilidade. A tradução de Carneiro Leão o emprega em diversos momentos, não como uma tradução direta, mas uma paráfrase do que faz a técnica moderna: “Sendo desencobrimento da dis-posição, a técnica moderna não se reduz a um mero fazer do homem” (HEIDEGGER, 2002, p. 22), “O irresistível da dis-posição e a resistência do que salva passam, ao largo, um do outro como, no curso dos astros, a rota de duas estrelas” (HEIDEGGER, 2002, p. 35). Em outros momentos, a tradução explora o campo lexical do termo: pôr, dispor, predispor, disponível.

A solução de “dis-posição” parece a mais favorável à compreensão de *Gestell* em português, ainda que seja mais primordial, a nós, trazer ao pensamento o vigor essencial da questão em discussão do que propiciar uma tradução efetiva do termo para compor uma nomenclatura oficial. A palavra “dis-posição” também se mantém na vizinhança do pôr, que é a essência da pro-dução, o termo que melhor conserva, em português, o sentido da *téchne* grega.

Aqui é necessário fazer algumas distinções. No sentido corrente, temos duas acepções básicas para o que significa “técnica”:

Uma diz: técnica é meio para um fim. A outra diz: técnica é uma atividade do homem. Ambas as determinações da técnica pertencem reciprocamente uma à outra. Pois estabelecer fins, procurar e usar meios para alcançá-los é uma atividade humana. Pertence à técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem. O conjunto de tudo isto é a técnica (HEIDEGGER, 2002, p. 11).

Por mais pacíficas que possam ser essas definições, elas não fazem ver aquilo que faz a técnica moderna ser o que é, pois isso seria misturar todas as manifestações da técnica em mundos diferentes. Em outras palavras, colocá-las no mesmo saco. Heidegger dá alguns exemplos em que, por contraste, fica claro que a técnica artesanal, antiga, pré-moderna se move dentro de um horizonte bastante distinto do da técnica moderna:

Uma região se desenvolve na exploração de fornecer carvão e minérios. O subsolo passa a se desencobrir, como reservatório de carvão, o chão, como jazidas de minério. Era diferente o campo que o camponês outrora lavrava, quando lavrar ainda significava cuidar e tratar. O trabalho camponês não provoca e desafia o solo agrícola (HEIDEGGER, 2002, p. 19).

O essencial na técnica, diz o pensador alemão, é que ela é um modo de desencobrimento – um modo de deixar aparecer, verdade, *alétheia*. Só como verdade que a técnica produz:

O decisivo da *téchne* não reside, pois, no fazer e manusear, nem na aplicação de meios mas no desencobrimento mencionado. É neste desencobrimento e não na elaboração que a *téchne* se constitui e cumpre em uma pro-dução (HEIDEGGER, 2002, p. 18).

Pro-dução é um fazer viger, um liberar para ser. Posto dessa forma, e fundamental para nós, Heidegger aponta para uma essência poética da técnica. Antes, algo não vigia; na pro-dução, no levar adiante, há surgimento, adveniência, vigência. Na dimensão do pensamento das palavras gregas, a que Heidegger se refere, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “humano/cultural” são o mesmo no sentido da *poíesis*:

Uma pro-dução, *poíesis*, não é apenas a confecção artesanal e nem somente levar a aparecer e conformar poética e artisticamente, a imagem e o quadro. Também a *phýsis*, o surgir e elevar-se por si mesmo, é uma pro-dução, é *poíesis*. A *phýsis* é até a máxima *poíesis*. Pois o vigente *phýsei* tem em si mesmo (*en eauto*) o eclodir da pro-dução (HEIDEGGER, 2002, p. 16).

Em qualquer coisa que a técnica produz, mesmo a moderna, põe-se em jogo pelo poetizar, deixar-viger. Na citação anterior em que Heidegger fala da relação do camponês com o solo, percebem-se dois sentidos diferentes: o solo que solicita cuidado e atenção e o solo como recurso a ser explorado pela eficiência. Será esse modo de tomar e lidar com o solo que Heidegger identificará com a essência da técnica moderna, *Gestell*. Há um giro, uma mudança fundamental de entendimento do que são as coisas (nas quais passamos a nos incluir) e como se relacionar com elas. Para Heidegger, essa mudança fundamental se dá

em que não mais convém que a técnica des-vele e re-vele o mundo. Esse brilho essencial das coisas ad-vindo não é suficiente para o sentido. O que se entende como capaz de co-responder ao sentido da época moderna é o desenvolvimento da técnica no e apenas no sentido da exploração dis-positiva. Em outras palavras, o real não “tem mais graça”; precisa da atuação exploratória e produtivista da tecno-logia para alimentar-nos de sentido.

A dis-posição opera, primeiro, uma dis- na própria posição. A dis- faz uma separação e uma ordenação, um arranjo (HOUAISS, 2009, verbete “dis-”). Para entender esse movimento, é preciso já se situar no ente como representação. Assim, aquilo que é só vale enquanto ente representável. Entendendo, por exemplo, de que as coisas são dentro de espaço e tempo como categorias abstratas, que podem ser medidas pela régua e pelo relógio, podemos pesquisar as características e os elementos dos frutos de uma mangueira, vendo seu tamanho, seu peso, sua suculência, sua cor e os organizando dentro de escalas.

Esse gesto faz o real aparecer dentro de certa forma: que a mangueira gera mangas, que têm relações entre si dentro de um ciclo de crescimento e amadurecimento; que essas relações podem ser estudadas e de-cifradas, por exemplo, observando o impacto de determinados insetos ou agentes químicos. Tal de-cifração propicia, inclusive, a exploração capitalista desse processo: podemos ter uma “manga média” dentro de um terreno e uma previsibilidade, num quadro de produtores e consumidores.

Assim, não estamos olhando mais para a manga como tal. Ela é um instrumento de alimentação, uma fonte de lucro, um elemento dietético cheio de fibras. Que ela jaza, aos montes, empilhada desarvoradamente nos supermercados passa-nos despercebido: a manga é dis-posta dentro de uma cadeia de consumo. Não nos vem pela determinação do cuidado da mangueira, que pode entregar-nos seu fruto ou não. Vem pelo controle engajado e minucioso, pela dis-posição, de uma das suas possibilidades: a de ser utilizada por nós.

A manga, em si, não é muito diferente do de que é em qualquer outra época. Transformada, porém, em *Bestand*, um recurso pronto a ser utilizado, a manga (e, antes, a mangueira) está dis-posta em sua proveniência. Está ex-posta em uma rede de relações abstratas. Na dimensão do ente que é, a manguidade da manga gira apenas no sentido do que pode, controladamente, oferecer, isto é, ela já é determinada de antemão por ser tomada enquanto recurso. É por ser recurso que está, propositalmente des-propositada, na pilha do mercado. Daí pode vir a ser re-dis-posta, fatiada, num restaurante, ou servir como insumo do suco numa loja. Ela é um vazio a ser atribuído pelo uso; além disso, é algo com que podemos contar quando nosso desejo assim o quiser. Ao desejo, a qualquer momento, podemos ter uma manga com a mesma dis-ponibilidade do que dez, vinte ou cem.

Que a mangueira tenha um tempo próprio de maturar seus frutos (alguns mais bem-acabados, a nosso ver, do que outros), isso não é levado em consideração; que haja outras

dimensões na mangueira e na manga que não necessariamente servem ao consumo, também não; que a mangueira não nos deva nada, em princípio, muito menos.

Ainda assim, por se configurar enquanto técnica, há de se entender que a dis-posição é um modo de pro-duzir, um modo do revelar, um modo do pôr. Ao colocar o ser do ente em relevo, percebemos que a transformação dos entes do real em recurso, operada pela dis-posição, é apenas mais um modo de pormos, de dizermos e indicarmos o ser – ainda que em um aspecto reduzido, orientado e metafisicamente comprometido, que é o da causalidade, da funcionalidade e da utilidade. Por isso, mesmo na dis-posição, há também *poíesis*, levar à vigência.

Voltando à discussão principal, não é demais frisar: é apenas por o ser se dizer enquanto tal que podemos tomá-lo como algo de recurso. Não fosse o fato de a manga já e propriamente ser, não poderíamos ex- e dis-pô-la de um certo modo, ou seja, o modo tecno-lógico. O modo tecno-lógico nos entrega uma possibilidade da manga. A questão é se essa possibilidade comporta todas as demais e se esse modo de pro-duzir pode e deve ser estendido a tudo, indiscriminadamente.

Ainda que possamos responder, de pronto, que não, nossa experiência histórica dá inúmeros testemunhos de que caminhamos rumo a uma dis-posição totalizante do real. Para entendermos a dis-posição como uma redução de sentido (e, por isso, como sendo incapaz de subsumir as demais possibilidades que ser configura), devemos ver a dis-posição como uma série de procedimentos. O primeiro deles é o que já prefigura o que é apenas como o que é, ou seja, tomamos o ser na medida de sua entidade. Não fazemos nada com o ser também não-sendo, conservando e guardando outras possibilidades. Isso não se dá ao domínio ou ao controle. Atribuímos, também, ao que é a identidade com o que apontamos nele, o que somos capazes de representar. Depois, expurgamos da representação tudo aquilo que é desnecessário, que atrapalha a comunicação, a eficiência, a previsibilidade, a replicabilidade. Essa cadeia de reduções (ao absurdo?) torna tudo que é na medida da função efetiva.

Argutamente, Heidegger percebe nesse processo um passo adiante na história do esquecimento do ser, com riscos sérios à humanidade do homem. Por quê? Porque nessa rede de relações abstratas, também está o sentido da vida humana. O esvaziamento e esquecimento do ser não são um fenômeno meramente conceitual, a intrigar filósofos e curiosos. Trata-se de um acontecimento decisivo na nossa constituição e que está, historicamente, nos colocando diante da possibilidade bastante atualizável de nossa extinção, por inúmeros meios. Nem mesmo isso, como coletividade, nos assusta – tratados internacionais sobre armas nucleares ou metas climáticas são, até hoje, primordialmente simbólicos. Como defendemos em um trabalho anterior (LIRA, 2012), a perda do sentido da vida se coaduna com a do sentido da morte. Ao nivelar tudo dentro de um sistema relacional, a contemporaneidade, na direção da virtualização, promove a informatização de tudo.



Assim, quando o humano é relegado a usuário do real, estar vivo implica apenas mais tempo útil para consumir informações. A importância do pensamento originário nota-se ao conseguir elucidar, ainda que não completamente, os princípios dessa conjuntura histórica. Nessa elucidação, o “atual estado de coisas” não é algo apenas a ser aceito ou meramente o objeto de um debate intelectual. Ao naturalizarmos o mundo técnico da modernidade, não o colocamos em questão; não vemos como o acolhemos e cultivamos decididamente. A crença implícita na produtividade da eficiência é reafirmada todos os dias, face às facilidades e conveniências da vida. Mesmo assim, tal vida não pode esconder suas quebras, suas frestas e impasses, que o pensamento originário procura questionar desde seus fundamentos. Sobre a vida pós-moderna, Carneiro Leão sintetiza essa preocupação do pensar:

Reduzindo o homem a usuário, a pós-modernidade unidimensionaliza a sociedade, como se indivíduos e grupos só existissem para consumir. É que no mundo pós-moderno a informatização virtual só sabe mesmo produzir. Não conhece outras atividades pelas quais valesse a pena lutar e libertar das peias do consumo. A sociedade pós-moderna cada vez mais informatizada e virtual não dispõe de instâncias que pudessem mobilizar outras potências da condição humana. Mas tudo isso, toda esta virtualização informatizada será mesmo viável? Será mesmo possível viver num mundo só virtual, em que o trabalho manual, traço de união com a terra, fosse totalmente substituído pela automação? Será mesmo possível morar num mundo sem as vivências criadoras da linguagem, onde as línguas naturais tivessem seus discursos exorcizados pelas monossêmias de línguas e metalínguas cibernéticas? (LEÃO, 2005, p. 123-124).

A interpretação heideggeriana da técnica não parece ter lugar na discussão filosófica sobre tecnologia. Críticos como Andrew Feenberg, um dos mais proeminentes nessa área, até a chamam de luddista (THOMSON, 2005, p. 45), como se convocasse à destruição das máquinas, tal como o movimento do século XIX. Preferimos deixar os juízos em segundo lugar e tentar colocar questões como as acima de Carneiro Leão, pois é no aberto das questões que mais claramente poderemos compreender os limites e os riscos do que está em jogo na contemporaneidade técnica. Esse questionamento se arrisca a pensar uma via ex-cêntrica ao domínio técnico do real, que, ainda longe de sua completude (se possível!), já mostra seus perigos e, também, seu cansaço.

Referências

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.



LEÃO, E. C. A pós-modernidade. **Revista da Faced** (Universidade Federal da Bahia), n. 9, 2005, p. 117-124. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2687/1897>. Acesso em 11 jun. 2020.

LIRA, A. **Poética e morte na era do ciborgue**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012. Coleção Pensamento Poético.

THOMSON, I. **Heidegger on Ontotheology. Technology and the Politics of Education**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.